Em tempo de paz convém ao homem serenidade e humildade; mas quando estoura a guerra deve agir como um tigre!

Willian Shakespeare

O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte.
Friedrich Nietzsche

Não sei com que armas a III Guerra Mundial será lutada. Mas
a IV Guerra Mundial será lutada com paus e pedras."
Albert Einstein

SUMÁRIO

CAPITULO I: ABRAM-SE AS CORTINAS.....04

CAPITULO II: NA SEMENTE DA GRANDE MAÇÃ.....27

CAPITULO III: QUARTO BRANCO.....44

CAPITULO IV: LAS ARENAS.....66

CAPITULO V: RED BONE.....88

CAPITULO VI: A RUPTURA.....109

CAPITULO VII: COMO NASCEM OS DEMÔNIOS.....133

CAPITULO VIII: A ILHA.....169

CAPITULO IX: SEM CASO PARA A RAZÃO.....192

CAPITULO X: QUEIME COCITOS.....222

CAPITULO XI: NOORD CIRCUS.....250

CAPITULO I:
ABRAM-SE AS CORTINAS

Sentiu como se despertasse de um longo sono, sua consciência estava retornando aos poucos e logo sentiu uma forte dor, uma dor latejante e insuportável, caiu de lado com as mãos na cabeça tentando inutilmente fazer a dor passar, depois de um tempo abriu de leve os olhos e viu apenas borrões que foram se alinhando e formando sua visão, via uma árvore, "Não estou em casa" pensou enquanto via mais e mais árvores surgirem a sua frente, se deu conta então de que estava caído em uma grama verde e fofa, a dor estava passando e tomando lugar vinha as dúvidas de como e onde estava, analisou toda a região tentando se lembrar de alguma coisa que pudesse lhe orientar, via árvores e mais árvores, mas não estavam tão próximas e a área estava cuidada, "Não é uma floresta, está mais para um parque ou um bosque", não se lembrava de ter bebido na outra noite, mas mesmo que bebesse não se lembraria, "Droga onde eu estava ontem?" Não conseguia formar nenhuma lembrança que explicasse sua situação, era como tentar se lembrar do sonho logo depois de acordar "Faculdade, depois eu estava em meu quarto" não conseguia imaginar nada além disso, não tinha saído de casa, ninguém o chamou, uma noite comum, e agora estava no meio de um bosque desconhecido sem se lembrar de como foi parar ali, fez força para se levantar e com um pouco de dificuldade conseguiu encostando-se numa árvore que havia atrás dele.
- Mas que droga houve ontem? – Perguntou ele olhando melhor ao redor.
O parque, bosque ou seja lá o que fosse era realmente grande, não conseguia ver o fim, havia muitas árvores e a sua esquerda ele pôde ver um brilho forte vindo de um lago, decidiu caminhar até o dito lago para molhar o rosto e tentar clarear as ideias, quando deu mais alguns passos pra frente, notou que havia algo por cima dos galhos mais altos, quando finalmente viu o que era entrou em pânico.
- Onde diabos eu estou?

...

Johann Ferguson acordou com a leve dor de cabeça, talvez não fosse tão leve quanto pensava e sim que já havia se acostumado mais a dor com o tempo, olhou pro lado a viu sua bolsa, abriu e conferiu se tudo estava dentro, "tudo ok" pensou, era um momento de instinto que sempre tinha no começo de todas as missões, verificar o arsenal, nunca o tinham mandado sem exatamente o que queria, mas a mania de verificar já fazia parte de si como um tipo de superstição tola, "tudo ok" repetiu para si mesmo, aproveitou pra pegar o passaporte e ver para onde havia sido enviado, quando viu o local, lembrou-se de um garotinho feliz já a muitos anos esquecido.

- Interessante. – Disse ele.

Estava sentado em um banco, elegantemente vestido de terno, levantou-se e avaliou o local, havia uma construção quadricular feita com pedras grandes perto de um lago, parecia um pequeno castelo, com quatro janelas viradas pro lado do lago e um relógio na frente do local. A seu lado civis passavam com roupas de ginástica, algumas correndo num ritmo forte, outras caminhando com cães que Johann não reconheceu a raça, "Missões em campo" pensou.

- Odeio quando tenho que ser discreto, eles se que ferrem depois. – Disse ele em seu idioma natural, sabendo que a chance de alguém ali que passava entende-lo era mínima.

Sabia também o que vinha depois e já estava com o aparelho na mão esperando.

...

Luiz Mathias era seu nome. E a surpresa que sentiu ao ver dezenas de prédios sob as árvores ao longe foi algo que o pegou de surpresa, sabia que não estava em casa, mas a distância de repente pareceu aumentar, tinha um mínimo de conhecimento sobre arquitetura "Antigo e ocidental, pelo menos ainda estou do lado certo do planeta" pensou brincando, tateou os bolsos em busca de respostas e tudo que conseguiu foram mais dúvidas, sentiu um grosso volume em seu bolso e puxou o objeto.

- Mas o que é isso? – Disse ele quando tirou uma arma calibre 22 de seu bolso direito. – Eu nem sei atirar, quem diabos me deu isso?
Sem nenhuma afinidade com armas demorou, mas abriu o tambor e viu que havia 6 balas dentro, na melhor das hipóteses a arma nunca tinha sido usada, mas se alguém a deu então isto poderia acontecer apenas numa questão de tempo. Mas quem?
- OH MY GOD.
- O que? - Disse Mathias quando viu que uma mulher com roupas de caminhada o olhava com espanto.
Ela disse algo que Mathias não compreendeu, mas sentia que era algo do tipo “Não me mate”.
- Ah o que? Por favor, espere senhora, eu não sei como...
Mas a mulher já havia corrido na direção oposta, sumindo por entre as árvores.
- Ah droga a arma, isso está ficando cada vez pior. – Não iria atrás da mulher assustada com uma arma nas mãos, “Ela falou inglês? Turistas são raros por aqui” só então se deu conta de que não sabia exatamente onde era “aqui”.
De repente ele sentiu que algo tocava no seu outro bolso, colocou a arma na cintura e pegou o objeto e viu que era um celular preto que tocava, assim como a arma o celular também não era seu, decidiu atender, mas não sabia como foi quando o aparelho ligou sozinho e apareceu um rosto na tela, Mathias tentou reconhecer o rosto, mas não conseguiu, a imagem estava acompanhada de uma voz metálica e fria.
- Bem-vindo ao jogo, o seu objetivo é executar e sobreviver ao seguinte jogador... Johann Ferguson, as regras são: 1° o participante deve caçar e matar o alvo, 2° caso isto não ocorra no tempo determinado acarretará na eliminação total dos participantes e 3° só um dos dois participantes pode sobreviver, desejamos sorte ao participante, tenha um bom dia.
- O que está acontecendo aqui, que piada de mau gosto é essa? – fazia força para se controlar, mas o nível de pavor começava a subir ao limite.

...

Johann vira o rosto que precisava, a caçada começara, desde que entrara no jogo Johann notara três informações que o aparelho lhe dava logo de cara, sempre teve a impressão de que quanto mais a missão demorar, mais difícil ela se torna, missões longas tendem a ser desastrosas, o bom é sempre terminar logo na primeira hora no máximo, outra questão que ele notou depois é a foto do alvo, se estiver com um fundo branco então o alvo era só um novato, nesse momento não pôde deixar de sorrir pois o tal de Luiz Mathias possuía uma foto com um fundo tão branco quanto leite, e a última era que ao longo do jogo ele havia se tornado num sádico assassino, matou pra sobreviver e agora já havia se tornado um vício delicioso, sempre que via o aparelho vinha a lembrança do rapaz apavorado que era em sua primeira missão, totalmente idiota e perdido, mas que teve o que era preciso para não morrer, olhar o aparelho o lembrava de como estava agora totalmente mergulhado no jogo, e gostava disso.

Ouviu então uma mulher correndo chamando a polícia, ela encontrou um e rapidamente gritou pra ele:

- Tem um homem armado naquela direção, está de calça jeans e camisa branca sem estampa, oh meu Deus eu pensei que ele fosse me matar.

Johann não entendeu tudo o que a mulher disse, ela estava histérica demais, mas as palavras, men (homem), armed (armado) e kill (matar) eram o bastante, sorriu novamente sentindo que ia ser fácil demais, "Mais um café da manhã em minha suíte, logo logo" pegou um distintivo de dentro da bolsa e se aproximou dos dois, o policial estava acalmando a mulher e Johann então chegou falando num perfeito inglês.

- Olá eu sou policial algum problema?

- Ela disse que um homem está armado ali, se me der licença. – Disse o policial.

- Vou com você, pode ser perigoso.

- Está bem. – disse o policial quando um segundo olhar para o distintivo.

Enquanto corriam o policial perguntou:

- Nunca vi você por aqui, de onde é? - não havia tanta suspeita em seu tom de voz, Johann continuava relaxado.

- Não sou daqui, mas posso ajudar de qualquer jeito, um blue sempre cuida um do outro. – Disse Johann.
Se quem tenha assustado a mulher fosse mesmo o Mathias, então estava acabado o jogo, mesmo com o policial ali bastava deixar o Mathias reagir para poder atirar em "legitima defesa", mas de qualquer modo ele nada tinha para declarar a polícia dali ou de qualquer lugar do mundo, qualquer problema era só matar o policial e fugir até outra missão.
Quando haviam caminhado por uns 2 minutos não avistaram ninguém.
- Ela disse que estava logo aqui, deve ter fugido.
O policial pegou o interfone e ligou pra central avisando o ocorrido, Johann sabia que o alvo não estava longe "sempre deixam por perto, eles querem é sangue" pensava consigo.
- Vamos nos separar, assim encontraremos mais rápido.
- Bom, vá por ali que eu vou por aqui.

...

Mathias ficou sentado atrás de uma árvore vendo dois homens armados onde ele estava, um deles disse algo e saiu na direção leste em direção a costa do lago, o outro continuou parado por um momento e quando pode ver de frente seu rosto viu que era o dito Johann, seu alvo, o homem que deveria matar antes que este o mate, Johann passou a Mathias a sensação de que estava em perigo, seja lá o que estivesse acontecendo Johann apenas com seu olhar deu a Mathias um instinto de autopreservação, se aquilo não era uma piada de mal gosto então estavam ali pra valer, para matar ou para ser morto. A arma que ele tinha era uma calibre 22 não tinha ideia se estava numa boa distância, 20 metros talvez, nunca disparara nada na vida a chance de acertar era mínima, e por algum motivo o homem estava à pouco acompanhado de um policial, e mesmo assim nunca conseguiria matar alguém, tinha que sair ficar longe o máximo do alvo, precisava entender no que estava metido, se virou para fugir e deixou o celular cair, quando o pegou conferiu se não estava quebrado e notou que a tela mudara, havia um relógio na tela só que em contagem regressiva. "É o tempo que tenho

pra matá-lo?" olhou novamente na direção onde Johann estava, ele procurava algo dentro da bolsa, sem perder mais tempo Mathias correu na direção oeste e após passar por mais árvores acabou chegando a uma estrada que Mathias decidiu seguir. Continuou correndo por mais alguns minutos até não poder mais, estava em uma espécie de pista feita para as pessoas transitarem pelo parque, havia uma fileira de bancos onde Mathias se sentou para descansar e pôr as ideias na cabeça, estava em um local desconhecido, com uma arma no bolso e um celular que possuía a imagem de um homem que ele devia matar antes que fosse morto, a contagem regressiva no celular indicava que havia um tempo limite para o assassinato, "uma regra sobre isso" pensou ele enquanto tentava se lembrar do que exatamente a voz no celular lhe disse, caso isto não ocorra no tempo determinado acarretará na eliminação total dos participantes, "se nenhum dos dois morrer quando o tempo acabar nós dois seremos mortos?" pensava Mathias, aquilo não parecia ser uma brincadeira de mal gosto, estava sendo caçado de verdade e não tinha nada a seu favor, estava calor naquele dia e repente uma brisa forte bateu e um jornal acabou batendo na perna de Mathias que finalmente podia ter uma ideia de onde estava, um frio desceu a sua espinha quando leu o jornal, como pensou estava longe de casa. Quatro palavras o deixaram atordoado, deixou o jornal cair no chão, as quatro palavras não saiam de sua mente.
The New York Times.

Missão Nova York: Luiz Mathias x Johann Ferguson
Restam 5 horas e 47 minutos.

...

Johann passou alguns minutos com seus objetos em mãos, se lembrava por um instante em todo o sofrimento que passou para conseguir cada um dos objetos que tinha na bolsa, além da própria bolsa, quase morrera uma dezena de vezes e tudo que pudera juntar estava ali, olhou na direção do oeste e iniciou sua caçada. O alvo era um pobre novato que talvez nem saiba falar inglês, sabia bem as dificuldades de quando não

consegue falar o idioma local, tinha que virar um verdadeiro animal e torcer pra encontrar o alvo e eliminá-lo na base da força, até mesmo ele que nascera na Suíça já passara por momentos em que não sabia uma única palavra da região designada, os novatos nunca se mostraram um problema para Johann, ele se lembrava bem quando encontrou um que simplesmente se ajoelhou e se entregou de bom grado, novatos sempre cometem erros é inevitável, não sabem no que estão metidos e até descobrirem (se é que descobrem) já é tarde demais, o alvo do momento Mathias já tinha cometido seu primeiro erro, foi visto armado por outra pessoa, mas tivera a sorte de se esconder rapidamente senão já tinha acabado tudo, seguiu na direção das árvores e encontrou umas das trilhas do parque, pegou o celular e colocou na foto de Mathias, encontrou alguns homens fazendo caminhada e perguntou:
- Desculpe o incomodo, sou policial algum de vocês viu este homem?
- Não, desculpe. – Disse um dos homens sem nem olhar a foto.
- Por favor, estou perseguindo esse homem no parque, ele é muito perigoso.
- Todos são. – Disse o mesmo homem sarcasticamente.
- Ele matou 5 pessoas no período de seis meses. – Mentiu Johann – Se o virem me liguem, por favor, aqui está meu cartão.
O tal senhor pegou o cartão e o guardou, Johann seguiu na outra direção da trilha.

...

Fazia parte de seu trabalho analisar e conhecer todos os tipos de pessoas, nunca deixou uma passar despercebido que realmente não fosse necessário conhecer.
- Bandidos no central Park, que conveniente. – Disse o homem.
- Não diga isso, não ouviu o que o policial disse? Esse homem matou cinco pessoas.
- Até parece que é verdade.
- O que quer disser?

- Não viu lá atrás? Que tipo de bandido você acha iria passar bem na frente da delegacia de polícia do central Park? - Disse o homem seriamente.
- Tem razão, mas então porque o policial mentiu? – insistiu o outro.
- Não acredito nem que ele fosse policial.
- Porque diz isso George?
- É só um palpite, e não me incomode mais com essas perguntas Liam.
- Está bem então, mas espere o que é aquilo? – Disse Liam apontando pra direita.
Todos olharam naquela direção, havia algumas árvores escuras, protegidas pelas árvores maiores da luz solar.
- O que? – perguntou George.
- Pensei ter visto alguma coisa, me desculpe.
- Não me venha com paranoia agora, ou vai fazer caminhada só daqui pra frente.

...

Johann seguia pela trilha, de vez em quando encontrava mais pessoas, mostrava o distintivo falso, a foto de Mathias e perguntava se havia visto ele, após uma série de negativas um homem o identificou.
- Tem certeza de que viu este homem?
- Sim, eu o vi logo ali há uns 50 metros. – Apontou na direção de onde ele parecia ter vindo - Estava sentado com uma expressão assustadora, ele é....
Mas Johann já havia partido.
Com a arma em punho, Johann corria a toda velocidade "até a primeira hora", "não deixe passar da primeira hora Johann" a ansiedade acabou quando ele avistou o que queria, Mathias estava de costas caminhando. Podia reconhecer a camisa branca dos novatos "você já era Mathias, aproveite seu último minuto de vida", sabia que ainda precisava fazer a posse do policial salvador, evitar alguma complicação desnecessária, num perfeito inglês ergueu a voz o máximo que pôde:
- MÃOS AO ALTO MATHIAS, VOCÊ ESTÁ PRESO.
Mathias não se mexia, apenas tremia.

-MÃO AO ALTO AGORA.
Se preparava para atirar quando avistou que ele movia as mãos lentamente pro alto, estava desarmado.
- VIRE-SE, AGORA.
Mathias hesitava, Johann deu alguns passos à frente e falou novamente.
-VIRE-SE, AGORA.
Johann o viu se virar devagar e quando viu seu rosto, não era Mathias ali, apenas um garoto chorando.
- Por favor não me mate. – implorava o garoto num inglês entrecortado.
- Mas o que es...- Johann sequer terminou de falar quando sentiu suas costas serem atingidas por três disparos.

...

- Estou em Nova York, isso é muito maior do que pensei. – dizia Mathias assustado – Tenho que agir logo, ele já está atrás de mim.
Avistou as pessoas passando pela trilha, tinha que pensar em algo rapidamente, algo para distrair o caçador, precisava de alguém, um garoto passando pela trilha parecia ser quase de sua altura e forma física semelhante, Mathias foi em sua direção e o chamou.
-Hey cara, espere.
Mathias acabou esbarrando num homem no meio do caminho, e prosseguiu, o garoto olhou pra trás vendo se era com ele o chamado, Mathias chegou perto dele e mostrou a arma ao garoto.
- Mas que diabos é isso? – disse o garoto.
- Camisa.
- O que?
- A camisa. – disse Mathias com o mínimo de inglês que sabia, o garoto entendeu a tirou sua camisa, Mathias se afastou um pouco e tirou a dele e estirou ao garoto.
- Camisa.
- Há, ok ok eu coloco cara, só não me mate. – dizia o garoto assustado.
O garoto não havia sequer vestido a camisa toda quando Mathias o puxou pelo meio da trilha, fazendo questão de deixar a arma do outro lado caso o garoto tentasse algo.

- Espere, aqui.
- Há, ok.
O correu para as árvores o máximo que podia, não demorou e ele avistou Johann correndo, ele parou e gritou algo que não entendeu , ele passou entre os arbustos com cuidado para não chamar a atenção de Johann que após o segundo grito deu mais alguns passos, aquela ideia improvisada podia dar mais certo do que Mathias pensava, ele só queria distrair Johann enquanto fugisse, mas ele viu quando Johann destravou a arma e sentiu que a vida do garoto estava por um triz, Johann iria atirar, iria matar o garoto, isso seria pior que matar, ver um inocente morrer, puxou a arma do bolso, não haveria mais chance de voltar atrás, apontou no meio das costas de Johann e atirou antes de conseguir pensar em qualquer outra coisa, o gatilho era mais duro do que ele pensava, atirou de novo e de novo, via claramente quando Johann caiu no chão, um dos tiros pareceu que acertou o braço esquerdo, o garoto saiu correndo chamando a polícia. Logo Mathias ouviu passos em sua direção, largou a arma no chão e correu para a direção dos passos, a trilha fazia uma leve curva e Mathias viu que vinha três policiais, o abordaram e mais quatro estavam chegando também.
- Algeme-o agora. – disse um dos policiais pro outro. – onde está a vítima?
- Ele estava logo ali. – disse o garoto apontando pra frente – sumiu.
Mathias olhou pra trás, e viu algumas gotas de sangue no chão alguns pequenos pingos iam na direção da mata, Johann havia desaparecido.

...

"Maldito desgraçado" a fúria em Johann parecia ser maior que a dor, pelo menos assim ele tentava, o pescoço de Mathias estava a salvo, mas não por muito tempo. Tinha que se retirar por momento, o desgraçado o pegou de jeito, novatos são alvos fáceis, acabara subestimando o adversário e sentia na pele o preço disso, tudo que podia fazer agora era fugir, tinha que dar logo um jeito nos ferimentos, jogou a bolsa numa árvore e tirou um kit de primeiro socorros de dentro, sem perder tempo tirou do kit uma atadura e colocou na região dos tiros nas costas e outro

menor no tiro do braço que sangrava cada vez mais, o local para tirar a bala não podia ser pior, não havia como retirar as balas nas costas sozinho, muito menos com a polícia de Nova York a sua procura, e ainda levara um tiro no braço também o que dificultaria a já impossível retirada das balas. Tinha que correr, por pouco não acabara num espaço aberto, voltou os passos antes de ser visto e seguiu escondido pelo parque, sangrava como um porco e nada podia fazer quanto a isso, os policiais deviam estar atrás dele agora, ainda pôde ouvir quando eles abordaram Mathias, aquele desgraçado, estava com problemas, precisava reorganizar as prioridades, fugir, conseguir se recuperar dos tiros e matar Mathias, isso é claro antes do tempo acabar, passou por diversas árvores na direção leste "é bom que tenha uma saída desse parque por aqui ou na melhor das hipóteses vou ser preso" pensava ele enquanto corria na mata, ser preso podia ser uma boa estratégia, conseguiria primeiros socorros e estaria perto de Mathias que agora deve estar com a polícia de Nova York, se o disfarce de policial de Washington ainda desse certo até matar Mathias estaria tudo feito, mas entre os depoimentos, eles provavelmente iriam rastrear o nome no distintivo falso e iria prendê-lo, o tempo acabaria e Mathias ainda iria estar vivo, era arriscado demais. Chegou à outra trilha e depois encontrou uma ciclovia passando na diagonal, seguiu pela trilha e avistou carros entrando e saindo do parque, ao lado avistou um prédio enorme ainda dentro do parque, estava com sorte a saída estava logo a sua frente, ao lado Johann viu de relance uma espécie de pirâmide expirando água, resolveu passar pelo lado esquerdo da construção, avistou 2 policiais e tentou caminhar normalmente para não perceberem os furos em seu terno, o sangue descia pelas costas, o sangue do tiro em seu braço caia vertiginosamente rápido, apertou o braço na região do tiro para diminuir o fluxo, passou devagar pelos policiais e notou que eles o haviam visto, massageou o braço como se estivesse com uma simples dor muscular, olhou pra frente, continuou caminhando e torceu para não ser abordado, estava na saída do Central Park, provavelmente haveriam câmeras ali, deixou um pouco o rosto e tirou a mão do braço fazendo o sangue voltar a cair rapidamente por sua manga e caindo no chão, ouviu quando um dos policiais chamou a atenção do outro.

- Ei você viu aquilo? – Disse um deles.
Sentia os olhos dos dois a suas costas e avistou que uma pessoa acenava pra rua, com as forças que ainda tinha correu o máximo que pôde na direção da rua, um taxi parou no acostamento e Johann correu passando no meio das pessoas que entravam no parque, ouviu a suas costas os policiais gritando para ele parar, chegou ao taxi antes da pessoa que o havia chamado, ele entrou rapidamente e disse:
- Um hospital, por favor.
- Espere o que está...
Johann puxou a arma e colocou na cabeça do taxista.
-Acelera, agora.
O carro deu uma guinada e saiu, Johann pôde ver os policiais que se aproximavam do taxi, eles estavam distantes agora, ao auto de um mastro Johann viu a bandeira americana e frente da construção que ele havia passado, com três entradas enfileiradas separadas por dois pilares de estilo grego cada ao alto de uma escadaria, a dor dos tiros tirou de Johann uma contemplação melhor do Metropolitan Museum Of Art.

...

O prédio de cor vermelha forte se localizava apenas há poucos metros de onde ele alvejara Johann. Fora algemado e mandado uma cadeira, tentava a todo o momento falar tudo o que houve, mas nenhum ali pareceu entender o que falava, não era difícil de perceber que estava preso e em uma delegacia, na delegacia do Central Park.
Os policiais discutiam entre si, toda aquela situação devia ser tão confusa para eles quanto para o próprio Mathias, havia um homem branco e forte, e pelos seus trajes mais sofisticados deduziu por si mesmo que este era o delegado do local, conversava com outros dois homens, um negro e outro latino, havia estudado inglês no seu tempo de ensino médio, mas viu que não tinha estudado tanto, não compreendia nada do que os homens discutiam, além de uma palavra aqui e ali, nada que realmente fizesse sentido para ele, quando finalmente eles terminaram o latino tinha uma expressão inconformada que o delegado pareceu ignorar.

Foi mandado pra uma sala com o policial alto e o tal policial latino, conseguiu ler "Ramon" na roupa, a sala havia apenas uma mesa e duas cadeiras, Mathias sentou-se em uma e o homem alto na outra, ligaram o que parecia ser um gravador, Ramon olhava firmemente pra Mathias:
- Falo espanhol, mas você entende o que eu digo? – Perguntou ele.
- Um pouco.
- Certo, um homem vai passar por aquela porta, ele vai coletar suas digitais, tudo bem? – disse o policial pausadamente.
Mathias balançou a cabeça concordando, o policial se levantou e abriu a porta, um outro entrou com um Laptop na mão, ele se aproximou devagar de Mathias e pegou sua mão direita, pressionou cada um de seus dedos em um aparelho pequeno conectado ao Laptop, depois de terminar o policial saiu ficando novamente os três homens na sala.
- Quem é você? – perguntou Ramon.
- Meu nome é Luiz Mathias, com h. – respondeu Mathias um pouco nervoso, nem saber se acreditariam ou não no que iria começar a dizer a aqueles dois homens.
- Nós o revistamos e vimos que você está sem o seu passaporte, você o perdeu? deixou em algum lugar?
- Hã, não eu não o perdi, na verdade eu nem tenho passaporte.
Ramon traduziu para o homem alto, ele retrucou algo de volta.
- Então é certo eu deduzir que você é um imigrante ilegal?
- Não, eu simplesmente dormi uma noite em minha casa no Brasil e quando acordei eu estava no parque.
Aquilo soou mais idiota do que Mathias queria que tivesse soado, Ramon fez uma previsível expressão de dúvida.
- Espere, acho que não entendi, dormiu no Brasil um dia e acordou hoje aqui no Central Park?
- Isso mesmo, olha sei que parece...
Ramon fez um gesto pra ele se calar, ele pensou um pouco e traduziu exatamente o que Mathias lhe dissera. O homem abriu mais os olhos e disse por fim:
- Ele mente, obvio. – Disse lentamente, como se para Mathias entender também.

Ramon retrucou algo em inglês para o homem alto que respondeu em seguida, Ramon então voltou a se dirigir a Mathias.
- Vamos pular essa parte por enquanto. E sobre a arma e o homem alvejado.
- Depois que acordei eu vi que tinha essa arma, e então um celular no meu bolso tocou e.... – analisou com cuidado o que diria em seguida - Uma mensagem disse que eu devia matar uma pessoa antes que ele me matasse, então...
- Espere. – disse Ramon, que o interrompeu para traduzir tudo ao homem. – Ok continue.
- Então eu vi que esse homem estava com um policial me procurando, eu troquei minha roupa com um garoto e ele o parou como se fosse um policial, foi quando eu atirei nele.
Ramon traduziu tudo rapidamente, o homem logo se mexeu e saiu da sala.
- O que dizia a tal mensagem?
- Que eu devia matar a pessoa da foto antes do tempo acabar senão...
- Senão o que?
- Senão nós dois somos mortos.
A porta abriu e o homem apareceu com o celular nas mãos, o cronômetro estava na tela, Ramon o pegou e após mexer um pouco mostrou a frente do celular a Mathias.
- Este homem?
- Sim. –disse Mathias lembrando bem do homem que ele acabara de atirar nas costas.
Ramon se virou pro homem e parecia estar dando uma ordem, o outro então pegou o celular de volta e se dirigiu a saída novamente.
- Vamos procurar este homem e ver se a sua história bate com a dele, e ainda se passou por um dos nossos, não vamos deixar assim. - Ramon se levantou e foi em direção à porta.
- Espere o tempo, que horas são?
Ramon consultou seu relógio de pulso.
- São 2 horas e 30 minutos. – abriu a porta e saiu.
Mathias ficou muito tempo sozinho, pensando se eles haviam acreditado no que contou, enquanto pensava percebeu o quão ridícula

parecia sua história, simplesmente dormiu no Brasil e acordou no meio de Nova York sem a sua vontade ou conhecimento, quanto tempo levaria isso? Que motivo alguém teria de tirá-lo de seu lar e o mandar pra outro país? O jogo de vida ou morte que tinha com Johann era o único motivo, ele sabia que Johann o caçava de verdade que nada do que dissera era mentira, mas qualquer outra pessoa acreditar em sua história é que era o problema, se conseguisse pegar Johann vivo talvez ele contasse tudo, de algum modo ele parece entender mais o que está acontecendo. Passados mais alguns minutos a porta abriu novamente e Ramon entrou sozinho, fez Mathias se levantar e o encaminhou pra saída.

- Você vai ser transferido. – disse ele baixo.
- Transferido? Pra onde? – perguntou Mathias quando passava pela porta.
- Para outra delegacia, vai estar seguro, mandaram logo o tradutor para lá, um dos nossos em campo confirmou o que você disse.
- Em campo?
- Lá fora no parque, ele disse que alguém se apresentou como policial de Washington, e o reconheceu na foto, por algum motivo querem você imediatamente.
- Porque está me dizendo tudo isso?
- Por algum motivo que não entendo eu acredito em sua história.

Eles passaram pelo corredor e estavam em frente à saída agora.

- E continue falando tudo será melhor pra você. – disse Ramon da porta.
- Entendo.

Mathias foi acompanhado por dois policiais até a viatura em frente à delegacia, ele entrou na parte detrás e viu a delegacia do Central Park se afastar dele.

...

- Meu irmão tira essa arma daí. – dizia o taxista enquanto dirigia pelas ruas de Manhattan.
- Só quando chegarmos ao hospital e sem brincadeiras comigo.
- Você que manda cara, só não atira em mim está bem?

- Não vou prometer nada. – disse Johann secamente.
- Sem querer ofender o homem armado, mas você não disse que queria ir pro hospital mais próximo, já teríamos chegado no Lenox Hill à muito tempo.
- Eles sabem que eu fui baleado, o primeiro lugar fora do parque que vão me procurar são nos hospitais, eles não sabem a gravidade do ferimento, então não sabem até onde eu posso ir exatamente. – Começava a sentir febre, mas era preciso resistir mais um pouco.
- Cara você foi baleado? Tem que ir logo pro hospital você está maluco?
- Eu sou do tipo durão, não morro tão facilmente. – sorriu de leve – Vire na próxima.
O taxista obedeceu.
- Cara, por favor, tire essa arma da minha cabeça, tem centenas de clínicas por aqui, não vão te achar tão rápido. – o taxista começava a se desesperar e isso só deixava Johann mais irritado.
A visão de Johann ficou turva com um instante, mas ele voltou à consciência.
- Para aqui mesmo. – o motorista parou e Johann saiu do taxi, ouvindo os agradecimentos do taxista.
De repente o rádio do taxi emitiu uma voz.
- Atenção todos os taxis da região próxima ao Central Park, um homem branco, de terno e gravata preta está...
O taxista olhou desesperado para Johann que ouviu tudo pela janela da frente do taxi.
- Por favor, eu não vou contar nada. – implorou o taxista.
- Deu azar. – disse Johann antes de apontar a arma na cabeça do taxista.
- Eu estou pedindo, não me mate.
- Então pega o rádio e diz que me deixou na Park Ave próximo do Lenox Hill Hospital.
O Taxista contatou o rádio com a mão tremendo tanto quanto sua voz.
- Alô central, eu acabei de pegar um passageiro com essa descrição... sim, eu o deixei na Park Ave eu acho que ele estava indo para o Lenox Hill Hospital.
“Isso mesmo” pensou consigo.
- Entendido, obrigado por sua colaboração. – o rádio desligou.

- Fez um bom trabalho, te vejo por ai. – disse Johann indo embora.
- Eu que não vou esperar por isso. – disse o taxista arrancando dali.
Johann caminhou um pouco e encontrou logo uma clínica e entrou, o local estava vazio exceto por uma recepcionista, uma loira jovem que estava lendo uma revista.
- Boa tarde ao consultório do Dr Jacobs, o senhor tem hora marcada? – Disse a recepcionista exibindo um sorriso.
- Não, e nem tenho tempo pra isso. – disse Johann tirando a atadura das costas e mostrando o sangue.
- Oh meu Deus. – disse ela espantada. – Vou chamar o doutor agora mesmo, venha comigo.
Ela o conduziu a um quarto e saiu para chamar o doutor, Johann tirou a atadura do braço que já estava toda ensanguentada.
- Boa tarde, sou o Dr Jacobs. – Um senhor na casa dos cinquenta anos apareceu diante dele - Soube que é uma emergência posso ver? – Disse o doutor entrando no local, Johann tirou a camisa e ficou de costas.
- Da pra ver que são recentes, fez bem em colocar a atadura, sente-se aqui e me deixe trabalhar. – o doutor apontava para a cama atrás de Johann que fez um esforço para se movimentar.
- Não me ache um monstro, mas você tem plano de saúde?
- Na minha bolsa tem uma carteira, aceita em dinheiro? – disse num sorriso zombeteiro.
- Aceito sim.
Johann perdeu o controle das pernas por um momento e colocou a mão na parede para se apoiar, sentia-se fraco demais “perdi mais sangue do que esperava”.
- Oh, calma deite-se aqui.
O doutor o conduziu até uma cama, cortou sua camisa e viu os ferimentos.
- Isso foi um tiro? – perguntou o doutor surpreso.
- Foram dois na verdade, ou três. – disse Johann fraco, não havia tempo para conversa fiada.
- Tenho que relatar a polícia...
- Eu sou da polícia, agora...
- Você...então porque veio...

- Droga doutor me ajuda. –vociferou Johann furioso, usando suas últimas forças.
- Está bem, me ajude aqui Mary.
A cirurgia iniciou, o doutor aplicou um sedativo e as dores foram se esvanecendo junto com a sua consciência.

...

Do carro da Polícia, Mathias conheceu sua segunda delegacia em Nova York, na Uper East Side, o 19° Departamento de polícia na 153 East com a 67th Street é um prédio de 3 andares que pareceu a Mathias tão bonito quando o outro, as bordas das janelas eram de um azul bem chamativo, combinado com o vermelho dos tijolos nas paredes ao redor, além dos pilares dourados nos 3 andares e cinza no térreo. Na 19 ª DP os policiais tiraram Mathias do carro e o encaminharam à delegacia, ao lado da porta Mathias pôde ver duas lâmpadas verdes e acima da porta de entrada viu a bandeira americana e uma placa:
THANK YOU
FOR YOUR SUPPORT
"Estou muito longe de casa" pensou.
Na nova delegacia o tratamento foi quase igual ao primeiro, exceto que os policiais pareciam estar mais amigáveis com ele. A pesquisa com suas digitais devia ter dado certo, pegou o elevador com um policial e subiu ao terceiro andar, foi levado até um escritório onde três homens o esperavam na porta.
- Boa tarde, sou Diego Fontana. – disse um jovem bem trajado e com um português perfeito. – Sou o tradutor, esse a meu lado é o delegado local Duene Taylor e este outro é o agente Carlton, do FBI.
- Carlton? – perguntou Mathias se lembrando desse nome de algum lugar.
O Agente disse qualquer coisa em inglês que fez ambos os outros rirem de leve, o Agente Carlton parecia ser um pouco mais velho que o tradutor, na casa dos 30, estava com um terno preto impecavelmente limpo, o delegado devia ter mais de 50, gordo e de cabelos grisalhos, o delegado disse algo e Diego logo traduziu.

- Vamos entrar.
Todos entraram, o policial que acompanhou Mathias tirou as algemas e depois ficou do lado de fora da sala, Mathias se sentou em frente ao delegado, o tradutor ficou numa cadeira entre os dois e o agente em pé encostado na parede. As primeiras perguntas foram sobre quem era, onde morava e em que trabalhava. O interrogatório seguia rápido mesmo sendo preciso à tradução por ambas as partes, a questão sobre ele acordar no Central Park foi um problema, Mathias não tinha reposta melhor do que "simplesmente acordei ali" o que devia fazer os presentes pensarem que ele estava escondendo algo, a entrada em solo americano requer um visto que pode durar meses para se conseguir, o agente Carlton observava tudo sem se intrometer, parecia ligeiramente impaciente, consultando o relógio a cada 5 minutos.
O Delegado e o agente tiveram um pequeno empasse e logo depois o tradutor falou:
- Eles querem saber sobre Johann, o homem da foto.
A foto de Johann no celular parecia ser o único trunfo que Mathias tinha para sustentar sua história, do contrário seria apenas um imigrante ilegal com a história mais absurda do mundo.
- A mensagem só disse que eu devia matá-lo antes do tempo acabar, não o conheço, tudo que sei é que ele também deve me matar.
- Está dizendo que um deve matar o outro? – o agente tomava as rédeas do interrogatório agora – O que acontece se o contador chegar à zero?
- Só sei o que a mensagem disse. – Mathias falou cara-a-cara com o agente – Se chegar a zero e os dois estiverem vivos, somos mortos.

...

Ao acordar ouviu vozes distantes, permaneceu deitado apenas ouvindo.
- São ferimentos a bala doutor. – ouviu uma voz feminina.
- Sim eu sei. – Johann logo reconheceu a voz do doutor.
- O que iremos fazer? O distintivo diz que é da polícia.
- Temos que ligar pra polícia, sabe disso. Tem algo me incomodando com isso tudo, enfim vá ligar pra central.
- Está bem eu ligo. – Johann ouviu passos.

- Não vai a lugar algum. – Johann se levantou e pulou da cama em cima do doutor, mesmo fraco ele conseguiu rende-lo, dando-lhe uma gravata no pescoço a recepcionista ficou paralisada.
- O que pensa que está fazendo? – perguntou o doutor Jacobs.
- Termine o seu trabalho doutor, não precisa ligar pra ninguém.
- Você levou três tiros, sempre temos que reportar a polícia quando temos um paciente baleado.
- Se você ainda quer ter um pescoço eu acho que deve esquecer-se de ligar pra quem quer que seja. – ameaçou Johann apertando mais o pescoço do doutor, a recepcionista continuava parada sem saber o que fazer. – O que eu tenho que tomar pro ferimento?
- Sua medicação está naquela mesa, deve tomar a cada 5 horas.
- Obrigado doutor. – disse Johann largando o doutor em cima da recepcionista e pegando sua bolsa que estava embaixo da mesa, conferiu se estava tudo lá dentro, viu uma maleta na mesa, devia ser do doutor, Johann a esvaziou rapidamente e colocou seus pertences e os remédios dentro. Quando de repente foi atacado pelo doutor que o empurrou fazendo-o atingir as costas na cama, Johann gemeu de dor, o doutor foi pra cima dele de novo e Johann segurou a mão do doutor que tinha uma injeção, com a força Johann girou o punho do doutor fazendo a seringa ficar com a ponta pro lado dele e por fim atingi-o, o doutor se afastou e caiu em seguida.
- DOUTOR JACOBS. – gritou a recepcionista deixando o celular cair no chão.
- Chamou a polícia sua desgraçada? – disse Johann, a situação estava começando a ficar fora de seu controle, pegou a arma que havia colocado na mala e foi na direção da recepcionista.
- Por favor, não. – pediu ela com as mãos estiradas em sinal de defesa.
- Bons sonhos. – disse ele dando uma coronhada na cabeça dela que caiu na hora, ele a pegou pelos pés e a colocou em um depósito numa sala ao lado da que estava a amarrou rapidamente com o cabo do soro que havia no depósito. Tinha que sair logo dali, pois não sabia quanto tempo ainda tinha, quando fechou a porta do depósito ouviu que a porta da entrada se abrira.

- Merda eles já estão aqui? – disse ele, foi até o final do corredor e espiou quem havia entrado, era uma mulher loira, não parecia ser policial, colocou as mãos nas costas com a arma em punho e decidiu checar quem era, quando a mulher o viu levou um leve susto.
- Oh desculpe assustá-la, em que posso ajudar?
- Quem é você? – perguntou ela.
- Em que posso ajudar? – repetiu ele.
- Eu tenho consulta hoje, o Dr Jacobs está?
- Não, o Dr Jacobs está doente.
- Doente?
- Pois é até médicos ficam doentes. – Johann deu uma risada, a mulher parecia convencida.
- Então...acho que vou em outro médico hoje, mas se ele não está aqui o que você faz aqui?
- Estou só checando tudo, ele me pediu para... - sentiu uma dor de cabeça, voltou a se concentrar – pegar uns documentos e dispensar a Mary por hoje.
A mulher se despediu a se dirigia a porta quando Johann ouviu a sirene de um carro, logo puxou a arma e disse:
- Pare ai. – disse destravando a arma, a mulher ficou logo parada e se virou. – venha pra cá rápido, se for convincente vai viver, vem logo.
A mulher assustada se dirigiu a ele, sempre vendo a arma na mão de Johann.
- O que quer que eu faça? – disse ela – Sou sua refém?
- Melhor, quero que se passe pela recepcionista e tire a polícia daqui. – disse Johann se afastando da mulher e ficando fora de vista da entrada. – se fizer tudo direitinho ninguém vai se ferir.
Ele foi a sala onde o Dr Jacobs estava no chão, sempre com a arma na direção da mulher, ouviu quando a polícia entrou e se apresou em pegar um jaleco que estava próximo da porta, o vestiu e ficou esperando como a mulher se saía. Ouviu passos se aproximarem, não devia ter mais que dois policiais ali.
- Boa tarde senhorita. – disse um deles – Foi aqui que fizeram uma ligação pra polícia?
- Não, creio que não. – disse ela lentamente.

- Está tudo bem por aqui? – insistiu ele.
- Sim, não houve nada fora do normal hoje, por quê?
- Estamos procurando este homem.
- Oh meu Deus.
Johann agiu rapidamente, apareceu e atirou no policial bem na cabeça, a mulher deu um grito e foi para trás com as mãos na boca, o policial estava só, Johann levou a arma na direção dela.
- Estou com sérios problemas quanto a ser confiável hoje. – Ele deu um tiro bem no meio da cabeça da mulher. – Cansei de ser bonzinho, pode estar no inferno que eu vou te pegar Mathias. - A droga do novato estava por ai, entregando tudo que podia como se isso fizesse alguma diferença, na verdade só tornava tudo pior para todos "Tanta exposição tem consequência seu tolo" a foto sem dúvida havia sido tirada do celular de Mathias para os policiais da cidade, a única dúvida que Johann tinha era em qual delegacia ele estava mantido, com o celular do policial ele procurou pela internet a mais próxima, sorriu maliciosamente ao saber que estava só a duas quadras da 19° delegacia.
- O desgraçado tem que estar lá. – ele viu o corpo do policial ali no chão e tirou o uniforme dele, havia um pouco de sangue na gola, mas com um pouco de água e sob um uniforme azul escuro quase não seria visto, colocou a roupa do policial ali mesmo, com os pensamentos a mil de como iria contra-atacar esse novato irritante, teve uma ótima ideia e o melhor é que seria rápido conseguir montar o plano, pegou a maleta com seus objetos, decidiu pelo distintivo do policial morto, não precisava manter o disfarce por muito tempo, mas precisava do documento verdadeiro para qualquer eventualidade, pegou as chaves da viatura no bolso do policial e saiu do local, logo viu o carro parado e entrou nele arrancando pelas ruas da Uper East Side. Encontrou uma loja, parou e carro e entrou, foi logo recebido pelo atendente atrás do balcão.
- Em que posso ajudar senhor? – disse o rapaz.
- Preciso daquilo ali. – disse ele apontando pro centro da loja – está à venda?
- Sim, claro. – o rapaz pegou o produto e conferiu o preço. – Está por 320 dólares, cartão ou dinheiro?

- Dinheiro mesmo. – Abriu um pouco a mala, tirou o dinheiro e entregou ao rapaz.
- O senhor quer que...
- Sim, eu agradeceria.

Johann saiu da loja com o sentimento de que as coisas estavam pra dar certo agora.

CAPITULO II:
NA SEMENTE DA GRANDE MAÇÃ

O Interrogatório tivera uma pausa, na volta Mathias viu que apenas o agente havia entrado.
- Vamos cortar o papo furado está bem? – disse o agente num ótimo português.
- Espere, você fala português? Mas porque então...
- Sou filho de brasileiros, mas isso não importa agora, o que importa é você me disser de onde conhece o Johann Ferguson.
- Eu já disse a ligação...
- Não me venha com essa está bem? – disse ele rapidamente, tirando um punhado de fotos de sua mala e jogando na mesa para Mathias. – Não sabíamos o nome até você nos falar hoje, Johann Ferguson.
As fotos eram assustadoras, em cada uma havia um homem diferente morto, as etnias eram variadas, Johann com certeza estava neste jogo muito mais tempo que ele.
- Ele foi visto por testemunhas próximo do local onde cada um desses homens foi encontrado morto, todos em cidades diferentes também, Zagreb, Munique, Porto, Yokohama e Boston.
- Mas...como? – Mathias ainda estava perplexo com as fotos na mesa.
- Contribuição entre agências, é trabalhoso, mas nós conseguimos cooperar juntos em caso de terroristas internacionais. Agora espero que me diga em que está metido? Johann matou estes homens por causa do tal jogo em que você está?
- Eu não sei, desculpe mais não sei, tudo que posso dizer sobre são as regras do jogo.
- Então você é novato?
A mente de Mathias voltou ao momento em que atirara em Johann, ouvira bem quando ele disse “morra novato”, poucos antes de quase disparar a arma.
- Você sabe sobre o jogo? Você já sabia não era? – o agente tentou fazer uma cara de cético, mas já estava evidente “ele sabe” - Por favor, me ajude eu não quero matar ninguém, só quero voltar pra casa. – implorava Mathias, a porta abriu rapidamente, um agente entrou as

presas e conversou com Carlton algo que parecia ser de extrema importância, Carlton manteve o semblante duro e disse alguma coisa, mas Mathias não entendia o que falavam, mesmo assim o agente Carlton saiu do local para falar com o delegado.

...

Era o tipo de situação pelo qual estava aguardando a tempos, um participante vivo, ainda tinha muito tempo de vida, mas nada é tão simples como teoricamente deve ser, estava em uma zona de guerra e o mínimo erro é fatal.
- Uma bomba, aqui? Está de brincadeira comigo?
Sabia que não estava, era apenas uma expressão, o rosto do delegado parecia mortificado, diferente de há poucos minutos atrás.
- Temos motivos para levar a ameaça em consideração, infelizmente não temos muito tempo para decidir.
- Porque acha que é real? Recebemos ameaças de bomba todo dia.
- Ele mandou isso, para provar que falava sério. – o delegado entregou um celular com a foto de um homem no chão, morto. – Reconhecemos o homem, é um dos nossos, a foto foi mandada pelo seu celular.
- Tem informação de onde ele estava indo?
- Recebemos uma ligação, a mulher implorava pela vida dela e depois não se ouve nada, o policial da foto foi mandado para o local, é um consultório particular.
- Longe daqui?
- Duas quadras, vamos iniciar a evacuação agora.
O delegado saiu, Carlton voltou para a sala.
- O que houve? – perguntou Mathias logo que ele entrou.
- Temos que sair daqui, se o que eu estou pensando está certo Johann colocou uma bomba na delegacia.
- Mas como?
- Eu não sei, mas isso já é típico dele.
- O que quer dizer com isso? – Não tinha mais motivos para esconder o que quer que fosse daquele pobre coitado.